

SCIENCIAS E LETTRAS

A tachygraphia na anti-guidade

Não se pode precisar a data do apparecimento da tachygraphia grega. Os historiadores, quer antigos, quer modernos, apenas fazem ligeira menção da existencia dessa arte em Athinas, não entrando em detalhes, nem assignalando a época em que ella foi alli introduzida.

Ha razão, porém, para acreditar-se que no meado do seculo III, antes de J. C., o emprego de caracteres especiaes para resumir os do alphabeto começou a ser conhecido e a generalisar-se na Grecia.

Quando as escolas dos philosophos tornaram-se templos onde ia a mocidade helenica iniciar-se nos mysterios da sciencia, para que a lição do mestre fosse mais duradoura e não a guardasse unicamente a memoria nem sempre fiel, alguns discipulos recorriam ao expediente de notas rapidamente tomadas, com o auxilio dos quaes restabeleciam depois mais ou menos extensamente a doutrina que tinham ouvido.

Ao mesmo tempo, as frequentes discussões nos tribunaes impunham aos encarregados de registrar os actos dos juizes a necessidade de procurarem nas abreviaturas um recurso para escreverem com maior velocidade.

Propagara-se alom disso na Grecia o uso de signaes secretos que serviam para occultar o sentido das palavras, substituindo as letras conhecidas por pequenos e simples caracteres.

Da reunião desses elementos formaram-se os systemas tachygraphicos praticados na Grecia. Os signaes da cryptographia foram aproveitados com as modificações precisas, de modo a facilitar a presteza do traço; as abreviaturas de termos pouco a pouco tornaram-se communs e assim foi posto ao alcance de todos uma arte methodicamente combinada.

A experiencia do tempo e o progresso da civilização trouxeram á tachygraphia grega os melhoramentos necessarios e numerosos foram sendo os que della faziam profissão.

Segundo um escriptor do seculo II da nossa era, os gregos tinham tacheographos, que escreviam com rapidez e semciographos, que empregavam letras especiaes. Uns e outros, porém, destinavam-se ao mesmo fim, havendo até, na opinião d'esse autor, muita semelhança entre os alphabetos de ambos.

Os serviços dos tachygraphos gregos não foram apropriados mais efficaçamente á reprodução dos discursos proferidos na praça publica e nas diversas assembléas; muitas orações dos grandes oradores perderam-se, naturalmente porque não puderam elles escrevel-as depois, guiando se pelas indicações tachygraphicas.

Não é para extranhar que se desse este facto, quando sabemos que em épocas modernas, não pequeno numero de discursos pronunciados nos parlamentos deixam de ser publicados.

A historia guardou o nome de um unico tacheographo atheniense—Xenophonte, a quem se attribue a invenção de um systema de signaes abreviativos.

Graças ao conhecimento que tinha da arte, pode elle escrever as palavras de Socrates em quanto ouvia os suas lições; e ainda hoje é reputado o mais fiel interprete das doutrinas do sabio.

Na vida de Xenophonte, Diogenes Laercio diz;

« Primus omnium que dicebantur notis excepta in publicum edidit, commentaria inscribens. Trad. de J. P. Kraus. Leipzig.

LUIS LEITÃO
(Continua)

Aléa

Tu não te lembras inda daquellas noites bellas
Que á branda luz da lua vagavamos na praia!
Tu—linda como os anjos, eu—cheio de protestos,
Tu—toda enrubecida, fallando só por gestos,
Eu—branco, talvez pallido da cor de tua saia!

Tu não te lembras, não... talvez ha tantos annos,
E ainda além de tudo foi tal a nossa ausencia,
Que é pouco e bem possivel que, como as esperanças,
No peito do proscripto, morresso, essas lembranças
E apenas conservasses nos seios a innocencia!

Mas era tão contente que ao lado teu, Aléa,
Deixava pelo rosto roçar-me as virações!..
Que ouvia os teus suspiros, quem sabo si protestos,
Que via os teus serviços, que lia nos teus gestos
Aquella graça immensa que algema os corações!

Mas eram tão ditosas aquellas horas curtas!..
Tão cheias de vonturas aquellas noites bellas!..
Comigo eu tinha a ti—princeza dos amores,
De lado—um mar tranquillo, por cima entre palloros
A lua a namorar-nos e um rancho além de estrellas.

Que noites, ó Aléa!.. eu sei, não te esqueceste;
Pois sempre é nos fagueiro—memorias do passado,
Que noites que passamos, que dias de venturas,
Tu, sempre enrubecida, com brancas vestes puras,
Eu, louco de delicias, contento, apaixonado!

Juntos iam sempre atraz os companheiros,
Teu pai, tuas irmans, não bellas como tu...
Vagavamos na praia, de braço sempre dado,
Fitando do oceano o manto socegado,
Azul da cor do céu, porém tranquillo e nù.

Tu lembras, sim, Aléa, viviamos de amores,
Pizando sob os pés as conchinhas da praia,
Tu, linda como os anjos, eu cheio de protestos,
Tu, toda enrubecida, fallando só por gestos,
Eu, branco, talvez pallido da cor de tua saia!

J. MARIANO DE OLIVEIRA.

Litteratura Brasileira

CARTA AO SR. AQUINO FONSECA

Enganou-se, meu digno confrade, enganou-se quando no seu artigo, publicado no ultimo numero desta gazeta, avançou que andava J. de Alencar com a Iracema pela mão a propol-a por modelo de uma litteratura cabocla, que devera ser a nossa! Não; o que elle quer, o mestre, é que não se perca para as letras o riquissimo thesouro que temos nas tradições e usos do nosso gentio; o que elle pretende sobretudo é reivindicar para esses silvicolos os sentimentos de nobre e cavalheirosa altiveza, que melhores não os tiveram nossos civilisadores em épocas ainda pouco remotas.

Pois com generalisar-se o conhecimento da vida do gentio brasileiro não se promove o interesse por alguma cousa que é desta terra? Não se ajunta um elemento novo aos de que já dispõem as letras nacionaes? Não se concorre para dar uma feição característica ao que, na America, se escreve em lingua portugueza?

Não é grato ao meu digno confrade que o Paquequer atravessasse os sitios como um tapyr, nem que para alguma cousa preste a sombra do Jequitibá; fora-lhe então mais aprazivel transplantar para aqui os carvalhos e as faias, aclimar as lebres e os faisões e ornar as margens de nossos rios do ruinas senhorias?

Acredite, nossa litteratura cabocla pode mais concorrer para o bem estar e civilização de nossos compatriotas, do que esse realismo de que falla e que, quando muito, é o espelho de

uma sociedade gasta, que não se atordoia mais com o licor fino e precisa de absintho.

Apresentar isso por modelo, hade perdoar-me, é commetter um crime de lesa-moral e conspurcar as fontes deonde de ve dimanar o bello, que é o soberano a quem as letras servem.

Eu, brasileiro, prefiro a Iracema que alimenta o filho, á Margarida Gauthier que alimenta o vicio; deixo-me levar pela moralidade que não exclue a ternura dos affectos; ouço e guardo a lição mais bem ao gritado jandaia que eu conheço, do que si m'a quizessem incutir com o canto do rouxinol, que eu nunca ouvi.

Não será por mim que quem na patria tem onde se inspire, irá pedir auxilio de peregrina musa; si admiro os genios, nascam onde nascerem, são comtudo estes que aqui vivem os que eu amo, porque elles pintam as paisagens que eu vejo, sentem os sentimentos que eu sinto e fallam a linguagem que eu fallo.

Será erro, será, mas... a patria é meu defeito!

O realismo que tanto o enthusiasma, esse que lhe está agora mostrando as *mauvaisés gites* de Pariz, ou exaggera o quadro afeian-do-o ou não diz toda a verdade, temeroso de afugentar leitores com a sordida repugnancia do assumpto. Noste caso para que serve? Apavora e entibia o espirito fraco; tisma e desanima o coração piedoso.

Não é mostrando-a que se cura a chaga!

Aquelle que tiver bem justa a noção do honesto fortalecida na consciencia do dever, hade na vida ser

probo e conduzir-se pelas leis do pudor e da justiça; e esse procedimento não lh'o hade ensinar Camors nem Don Juan, nem o hade aprender nos antros escuros das grandes cidades.

E' tendo-se diante dos olhos os bellos modelos, que se forma o gosto pelo que é grande e nobre, digno e honroso.

Si me fora licito a mim, que nesta communhão das letras vou seguindo o prestito como obscuro devoto, si me fora lici o, digo, dar um conselho aos que se apostam para combater nas lides litterarias, eu lhes proporia para primeira lição do seu espirito a antiguidade classica, que é uma soberba arena.

Não é que eu queira aferir as composições modernas pelas prisca medidas, nem impedir que nos campos do espirito cada um roteie como mais bem lhe agradar; mas que a forma seja bem cuidada, o assumpto bem escolhido e a linguagem bem pura, eis o que é indispensavel ao escriptor que pretender ser perfeito.

E nisso, forçoso é confessar, primaram os escriptores da Attica e do Lacio; elles elevaram monumentos litterarios mais duradouros que os seus Parthanos e Colliseus e os primeiros conceberam e realizaram a idéa mais correcta do bello nas letras e nas artes.

Si eu não estou com Lamartine a negar o progresso indefinido do homem e a julgar as grandezas antigas tamanhas ou maiores que as do presente, estou comtudo com os que pensam que daquellas magnificas éras bem podem servir de utilissimo exemplo a intuição grandiosa do bello e a pericia admiravel da execução.

Afeiçoado no molde moderno que primores não produziria o genio antigo? Nada s:hiria informe, tudo traria o cunho da arte e do gosto e era sem duvida, alludindo a esta perfeição da forma, que o poeta mallogrado no cadafalso, escreveu o sentencioso verso;

Sur des sujets nouveaux faisons des vers anti-ques

Já sei que vai retorquir-me com o Varella:

Alma que sente, que suspira e canta.
Não conhece compendios,

Mas si elle, o poeta de Mimosa, não os conhecesse, fôra selvagem e desordenado o que sua magica inspiração produziu; a harmonia do mundo creado não é a harmonia da arte e a regularidade desta não quer dizer monotonia. Nas construcções da natureza servem de columnatas as palmeiras, mas nos monumentos humanos quem já se lembrou de esculpir palmeiras para sustentar as architraves?

E lá fui eu, amigo escriptor, sem medir a força da erudição pela grandeza da tarefa, abalançar-me a entretel-o com velharias classicas e a fallar-lhe da arte e do bello, assim á granel e em estylo frouxo, como quem convida para um jantar de annos ou um sarau de baptisado...

Desculpe-me e pense que se tratava de um nome que é uma de nossas

glorias litterarias e tanto bastava para que eu me puzesse a divagar sobre lettras, como si isto fóra um preito submisso rendido à magestade do mestre.

Elle, melhor do que eu, ensina no que escreve qual seja a arte do que fallei-lhe, porque a arte delle, que é como aquella em que eu creio no mytho de Pigmalião, —faz as estatuas e anima-as. Não basta o desenho correcto, o colorido vivo e as proporções guardadas, é preciso a alma o sentimento o a inspiração.

L'art ne fait que de vers, le cœur seul est poète

LEITÃO JUNIOR

1875—Agosto.

Confidencias

À J. H.

I

Meine Ruh' ist hin
Meine Herz ist schwer
Ich finde sie nimmer
Und nimmer mehr!
(Goethe)

Amo-te! — é a palavra que meus labios soltam sempre que ati meu pensamento envio.

Amo-te! é o estribilho do hymno santo que sem cessar a minha alma entoa.

Mas pôde acaso ao coração chegar-te essa palavra?

Um homem já t'a disse e te illudiu vilmente: outros t'a dizem sem reconhecer-lhe o merito.

Nenhum de certo como eu o diz.

Sim — estatua de gelo para uns, mercadora de affectos para outros, corpo sem alma para este, alma sem vida para aquelle, para mim és tu sempre — uma mulher!

Mulher em toda a sua magestade: fervido o beijo de amor, placido o osculo da amizade, ris quando alegre, choras quando triste; mas não finges que fingir não sabes.

Eu o creio Margarida.

Com outros fingirás? eu o não sei: comigo não — parece-me.

Vi-te chorar um dia e as lagrimas rolaram-te pelas faces e entre beijos as sorvi, tu viste.

E eu bem disse a hora em que te vi, o momento em que te amei, porque a lagrima sincera differença muito da fingida e tu choraste.

Triste eras bella e bella és de excitar loucuras.

Mas quando se nutre no coração um sentimento puro, um affecto despido de calculo, um amor calmo e reflectido, não se pôde ser um louco, e por tanto eu o não sou apesar de seres bella.

Choraste e eu te amava: choraste e eu te amei.

Desculpa, Margarida, se a minha afeição vac-te offender: não a julgues um desvario, não me consideres um dos muitos que te mentem.

Outros querem tua mocidade e teus encantos, eu quero o teu affecto e a tua alma.

Pensa em mim, Margarida, e se me não pôdes amar deixa ao menos que te adore.

Ateaste a braza occulta em cinzas: não consintas que a chamma se apague.

Se pensares em mim eu não morrerei, porque nossos espiritos em eterno abraço girarão fóra do tumultuar do mundo e ahi é que está a vida.

Nossos labios se unam, nossos corações palpitem juntos, nossas almas vivam abraçadas e eu enlevado por celestial deleite não cessarei de bem-dizer teu nome.

II

Auch ich war in Arcadien geboren
Auch mir hat die Natur
An meiner Wiege Frendez uges hworen,
Auch ich war in Arkadien geboren
Eoch Thrauem gab der Kuzze Lenz mir nur.
SCHILLER.

E' loucura, Margarida, este amor meu. Amar o impossivel só loucos pôdem. E tu és o impossivel — eu reconheço.

Houve de certo um tempo em que teu coração pulsou, em que encarando o futuro vias nelle sorrir-te a esperança, em que quando as brisas da manhã agitavam teus cabellos louros em seu ciciar fagueiro só te falavam de amor!

Então, podias tu amar!

Mas esse tempo foi-se e esse tempo não volta.

Matou-te o sentimento a promessa illusoria de um bem que te negaram, apagaram de teu céu a estrella do porvir, arrancarão-te das espaldas alvas as azas da innocencia, pisaram a tua corôa de virgem e arromessaram-te ao lodaçal do vicio.

Que te resta, Margarida, das caricias de tua mãe, dos beijos de teu pae, dos brincos de teus irmãos, dos idyllios da infancia, do teu viver de criança? Uma lembrança que te entristece: uma saudade que murchar não pôde. Verdade horrivel, Margarida! mataram-te!

E tanto mais cruel foi o instincto de teu assassino quanto apunhalou-te no berço!

Acredita: se possivel me fosse encontrar o vil eu lhe esbofeteara a face!

Levar o crime ao lar da familia, arrastar o anjo á borda do abysmo, crestar-lhe as azas e arremessar-o alli, não é acção que perdão mereça. Victimia foste e de ti me compadeço.

Um dia talvez, Margarida, tu reconheças quanto bem te quero: em quanto porém esse dia não surge é impossivel que amar-me possas!

Nem tu o pôdes nem eu o espero. Cifra-se hoje toda a minha ambição em te seguir os passos.

Em quanto acompanhada fores desse costeiro de amadores que o sequito formam das estatuas bellas — de longe irei eu; mas quando, desaparecidos todos, te ficares a sós — a teu lado me verás então.

Tomba por terra a estatua quando a mulher se levanta.

E a queda de uma é tão certa, como infallivel o arguer da outra.

Morta pelo erro a mulher, resuscita pelo arrependimento.

E' sublime o que se dá então: tomba a estatua e os verdadeiros crentes chegam-se.

Assim, Margarida, quando o teu anjo da guarda, rompendo as legiões do mal, das garras do vicio te arrancar, verás a teus pés pedindo-te a esmola de um olhar aquelle que te diz hoje:

— E' loucura, Margarida, este amor meu!

Não me digas hoje que me amas, não t'o quero ouvir: se m'o disseres não t'o creio, porque sei que impossivel fora isso.

Não me digas que me amas, mas diz-me que em mim crês!

E' a recompensa que te peço para o affecto que te voto.

Se é uma loucura, Margarida, este amor meu, que por ti despresado não seja o meu pedido!

Acredita-me — embora sem esperança, embora loucura — eu amo o impossivel.

Convencido do meu erro terei coragem para nelle persistir, porque o que amo em ti talvez mais ninguém ame.

Amo-te a alma, Margarida: a alma, que se não corrompe, que pura por Deos dada a Deos pura se eleva!

FAUSTO

VARIEDADE

Si eu fosse casado

Desde manhã que está chovendo e desde manhã que estou em casa; mau grado meu esticado na cama, envolvido no cobertor e ainda assim sentindo frio, deixo meu espirito divertir-se com as idéas mais prazeteiras, quiza mesmo um tanto maliciosas...

— Ora si eu fosse casado!... exclamava entre dous suspiros, si eu fosse casado!... Com toda a certeza só me empregaria em o ser e então pouco me importaria a chuva; porque?

A resposta a este porque é meu programma e como o appresento pela primeira vez, espero que todos me acreditem; tomo, portanto, a palavra.

Eu: — Como neste paiz a vontade do cidadão é livre, eu seria romancista, profissão que em verdade não me livrava do sorteio, mas que eu poderia exercer sem tirar carta, nem folha corrida, nem pagar imposto. Antes de tudo pois — viva o romance!

O Sr. Dr. Macelo: — Viva!

O Sr. J. de Alencar: — Muito bem!

Eu: — Escreveria um livro de contos, e em um dia, como o de hoje, tinha toda oportunidade um trecho assim acerca dos olhos de minha mulher. (Lendo).

« Aquecido pelo teu ardente olhar, minha doce e amada companheira, eu sinto correr nas veias um agradável calor que foge apenas chego á janella para ver a chuva cahindo... »

Isto é amostra do que valeria o meu conto; a côr local ali estava em cada phrase, em cada palavra; os olhos de minha mulher fazendo as vezes de um sobretudo, a lembrança de chegar á janella para ver cahir chuva, são bellas e felizes inspirações que só esta natureza cidadã poderia inspirar.

O Sr. M. de Assis (o crítico brasileiro): — Bravo!

(O autor da Dixa sorri-se.)

Eu: — Sem duvida nenhuma o meu romance seria muito bonito porque de duas uma, ou os olhos de minha mulher eram bonitos ou feios; no primeiro caso descrever-os era bastante; no segundo dizer o que tinham de menos era sufficiente; em todo caso visto como elles me aqueciam em tempo de frio, não sei porque razão não haveria eu de dispensar o sol; dispensava-o com toda a certeza.

Que portentoso dote não seria então esse da minha estimavel consorte! Que mina inesgotavel de abastança e de opulencia! Eu desbancaria todos os conservadores de estradas e até os festeiros me poderiam encomendar dias seccos para suas folganças.

Sem duvida não entrava gaz em sala de baile onde estivesse minha mulher; era uma despeza inutil, por maior que fosse o salão, bastava o olhar della para o tornar deslumbrante. No entanto haveria dificuldade, quando se dançasse, em encontrar vis-a-vis que não ficasse deslumbrado, mas isso mesmo me promoveria um agradecimento dos vendedores de lunetas enfumaçadas e com elle eu alcançaria o céu... por um oculo.

O Sr. Caldeira: — E com o meu voto.

Eu: — Por minha parte seria um feliz mortal; sendo o marido o chefe do casal, tocava-me a direcção do olhar de minha mulher ou antes do sol; que vantagem e que gloria!

O casamento, posto que não me livrasse do sorteio, collocava-me contudo na ardente posição do Phebo!

Lembro-me agora que para a cousa ficar completa faltava-me a aurora; mas seria eu tão infeliz que não tivesse uma filha?! Convenho em quo, durante o resguardo de minha mulher tudo devia ficar ás escuras, mas então era o caso de pedir-se emprestado por algum tempo este sol do agora, e no fim de quinze dias... appareceria mais a aurora com grande surpeza do respeitavel publico!

Que péchincha! As lavadeiras lavar-me-hiam a roupa de graça e as pretas minas que seccam camarão dar-me-hiam zorô todos os dias; quo Phebo bem lavado e bem apimentado!

No entanto para acompanhar o espirito da época trataria de executar algumas reformas; encurtaria as horas em tempo de sessão legislativa; poria fogo no convento de S. Antonio e, queimando as catacumbas imperiaes, destruiria o unico embaraço para o arrasamento completo do morro do mesmo nome; derreteria as grades do campo de S. Anna, dando em terra com o feudalismo do Glazion; não sendo convidado para o baile do Cassino, apresentar-me-hia no horizonte logo ás onze horas da noite. Com tudo isto desesperaria a todos os relojoeiros de hora certa que seriam obrigados a se empenharem comigo.

O Sr. Pendula Fluminense (Bonheur!): — Com todo o gosto.

Eu: — Releva observar que não era pequena a vantagem de collocar sob minha dependencia todos os fabricantes de folhinhas...

O Sr. Laemmert: — Heim!

Eu: — ... pois sem duvida alguma elles não poderiam calcular a epocha de qualquer eclipse sem primeiro entenderem-se commigo; e admire-se mais esta economia; para effectuar-se o eclipse não era preciso lua.

O Sr. Laemmert: — Oh! Bismark no consente!

Eu: — Mas ah! como tudo isto depende do matrimonio e me conserve eu ainda solteiro, forçoso é que me levante desta cama, onde tão bem me acho, visto como acabam de dar tres horas e o jantar está na meza. Oh! desillusão! Aqui vai o Sr. Phebo comer carne ensopada!

Jos.

BRAZIL AMERICANO

ASSIGNA-SE NA

19 RUA DE GONÇALVES DIAS 19

CORTE, PROVINCIAS E ESTRANGEIRO

Trimestre..... 25000

PAGO ADIANTADO

Exemplar avulso..... 100 rs.

Os trimestres terminam sempre em 30 de Setembro, 31 de Dezembro, 31 de Março e 30 de Junho.

Toda a correspondencia é endereçada a redacção do *Brazil Americano*,

19 RUA DE GONÇALVES DIAS 19

As pessoas que muito bondosamente accitaram listas para nos obsequiareem com assignaturas para esta folha, pedimos mais o especial favor, que assás agradeceremos, de as dirigirem á rua e casa acima indicada.